



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ARTIGO CIENTÍFICO

**A INFORMALIDADE DOS VENDEDORES DE LANCHES DA PRAÇA DA
BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE/PB: UM LOCAL DE TRABALHO.**

JOSÉ ROBERT JONSHON SILVA PEREIRA

**Campina Grande, PB.
2012**

JOSÉ ROBERT JONSHON SILVA PEREIRA

**A INFORMALIDADE DOS VENDEDORES DE LANCHES DA PRAÇA DA
BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE/PB: UM LOCAL DE TRABALHO.**

Artigo científico de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos

Campina Grande, PB.

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

P436i Pereira, José Robert Jonshon Silva.

A informalidade dos vendedores de lanches da praça da
bandeira em Campina Grande/PB [manuscrito] : um local de
trabalho / José Robert Jonshon Silva Pereira. – 2012.

23 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) –
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Me. Agnaldo Barbosa dos Santos,
Departamento de Geografia”.

1. Espaço Urbano - Economia Informal. 2. Mercado de Trabalho. 3.
Campina Grande/PB. I. Título.

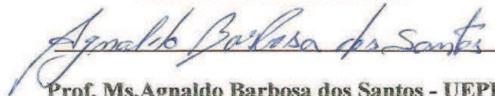
21. ed. CDD 330.91

JOSÉ ROBERT JONSHON SILVA PEREIRA

**A INFORMALIDADE DOS VENDEDORES DE LANCHES DA PRAÇA DA
BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE/PB: UM LOCAL DE TRABALHO.**

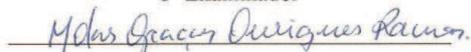
Aprovado em 07 de Agosto de 2012.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Agnaldo Barbosa dos Santos - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba (DG) Campus I
Orientador


Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba (DG) Campus I
1º Examinador


Prof. Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos - UEPB
Universidade Estadual da Paraíba (DG) Campus I
2º Examinador

LISTA DE FIGURA E GRÁFICOS

FIGURA 01	12
GRÁFICO 01	15
GRÁFICO 02	16
GRÁFICO 03	17
GRÁFICO 04	17
GRÁFICO 05	18
GRÁFICO 06	19
GRÁFICO 07	19
GRÁFICO 08	20

RESUMO

PEREIRA, José Robert Jonshon Silva. A INFORMALIDADE DOS VENDEDORES DE LANCHES DA PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE/PB: UM LOCAL DE TRABALHO, 2012. Artigo (Graduação). Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB. Campina Grande-PB, 2012.

O aumento das atividades relacionadas a economia informal não se apresentam como elemento provisório na sociedade brasileira, mas como fato comprovado principalmente nas grandes cidades. Esse modelo econômico vem crescendo e se expandindo de tal forma que chega a representar uma considerável parcela da população economicamente ativa no mundo. Este trabalho tem como objeto de estudo o comércio ambulante, na Praça da Bandeira em Campina Grande - PB. A pesquisa, ora desenvolvida em caráter investigativo e exploratório, realizou a coleta de materiais, através do contato com os trabalhadores no qual foi necessário estabelecer um recorte dentro deste empreendimento diversificado e controverso nos limites da praça e adjacências. Esta coleta subsidiou a análise que explicitou o processo de mudanças da Praça da Bandeira, o que auxiliou nas respostas às questões da pesquisa através dos objetivos determinados: explicar os fenômenos relacionados às mudanças aos trabalhadores informais da Praça da Bandeira em Campina Grande, evidenciar o valor sócio cultural dessa trajetória nesse mercado desses trabalhadores informais, analisar a natureza socioeconômica e cultural dos trabalhadores informais (ambulantes) da praça e investigar materiais empíricos e históricos relacionados nesse espaço urbano desse comércio ambulante.

Palavras-chave: Economia informal, Espaço urbano, Praça da Bandeira.

1 INTRODUÇÃO

A proposta central desta pesquisa é analisar a atuação de um grupo de comerciantes que vendem lanches e que atuam na Praça da Bandeira em Campina Grande, PB. Para melhor entendimento dessa atividade, iniciou-se a observação e análise da Praça da Bandeira, uma das primeiras evidências que foram observadas foi um constante movimento de pessoas que fazem dessa área um dos principais pontos da cidade. Pouco a pouco, como se um horário pré-estabelecido entre os comerciantes fosse irrevogável, cada veículo vai se chegando e se organizando para mais uma noite de trabalho.

Ficou ainda bastante visível a atuação de outros comerciantes que atuam em funções diversificadas como: pipoqueiros, mototaxistas, vendedores de diversos produtos, a exemplo de cd's e dvd's, jornais e revistas (nas três bancas situadas na praça), além de chás, cafês, entre outros. Ao longo do dia e também no período vespertino, que é o período de serviços desses indivíduos, a Praça vai se mostrando

como um celeiro de oportunidades para essas pessoas que dela se apropriam, possuindo vários significados de acordo com os grupos sociais que vão inserindo, sendo um fator conflitante a maneira como grande parte da praça destinada a passeios, conversas informais, encontros amorosos, se modifica e passa a cada momento a se tornar um local de trabalho.

Diversos questionamentos podem ser feitos em relação a esses comerciantes e sua relação com a sociedade, e são justamente estas inquietudes que nos leva e dar mais ênfase a essas relações desses indivíduos que participam ativamente da economia informal e ainda assim, vendem seus produtos de uma maneira na qual demonstram varias habilidades em relação à alteração da natureza e aproveitamento ao mesmo tempo das necessidades e conveniências da população.

O presente artigo divide-se em quatro seções, na primeira, é explicado o conceito de informalidade e sua relação direta com o setor de serviços, no qual, busca-se relacionar esses dois elementos com o objeto de estudo incluindo os comerciantes que atuam na Praça da Bandeira, em Campina Grande - Paraíba.

Na segunda seção, trataremos o espaço como categoria de análise da Geografia, dando ênfase a questão a partir do uso e suas relações mantidas com a sociedade, pela necessidade de dar explicação daquele espaço central da cidade campinense, que sofre mudanças diariamente. Na terceira, é feito uma análise da Praça da Bandeira, mostrando os pontos de comércio ambulante dos vendedores de lanches e suas relações trabalho e clientes (consumidores), mostrando toda essa dinâmica a esse tipo de trabalho naquele espaço urbano.

Na quarta seção, a discussão onde foi traçado um perfil dos trabalhadores/comerciantes de lanches da praça sobre a estrutura social e econômica em que estão inseridos, procurando redefinir fatores, no que diz respeito as suas atividades que são realizadas. Posteriormente, as considerações finais onde se apresentam as conclusões relacionadas às pesquisas que foram realizadas.

2 A QUESTÃO DA INFORMALIDADE E OS SERVIÇOS

O conceito de informalidade está relacionado à soma dos trabalhadores sem carteira de trabalho assinada, que não contribuem para a previdência social e que trabalham por conta própria num determinado espaço, como podemos ver na visão de

Cacciamali (2000), ao afirmar que: “O processo de informalidade pode ser representado e acompanhado por duas categorias de trabalhadores que são predominantes no processo: os assalariados sem registro e os trabalhadores por conta própria” (p.166). Esse setor teve um maior crescimento a partir do início da década de 80, quando a economia brasileira começava a sofrer várias mudanças, entre elas, constatou-se uma grande elevação na proporção de trabalhadores sem contrato formal de trabalho. Um dos principais fatores que explicam o desenvolvimento dessa atividade é a expansão de um setor caracterizado por um grau de informalidade elevado (o setor de serviços) em que o mesmo, vem assumindo uma grande importância na criação de postos de trabalho.

O setor de serviços recebe a mão de obra excluída das demais atividades econômicas, mesmo assim isso não é particularidade no Brasil ou na América Latina, mas sim, um fato recorrente em todo o mundo. Existe, portanto, uma elevada proporção de trabalhadores por conta própria, sem carteira assinada ou nenhum tipo de garantia, sugerindo um alto grau de informalidade nas relações de trabalho, onde segundo Pochmann (1999), esta forma de realidade cruel nas condições de trabalho torna cada vez mais difícil a possibilidade desses estabelecimentos atingirem um nível de condições que satisfaçam as necessidades de cidadania com um formato mais próxima do ideal.

Considerando a importância do comércio em relação à criação de novos postos de trabalhos, deve ser destacado o comércio ambulante, que aumentou expressivamente seu peso no interior dessas atividades. Diante da constatação de que a geração dos postos de trabalho foi em grande parte oriundas do comércio ambulante, isto incita a análise sobre a questão da informalidade nas relações econômicas e na invasão do espaço público nos centros urbanos, sendo que essa grande parcela pode ser caracterizada principalmente pela dificuldade de entrada no mercado de trabalho em diversas áreas, e em diversos setores.

Assim, deve existir uma profunda necessidade de uma análise para que possamos entender as diversas formas de definições em relação à informalidade pertencente às várias classes, sabendo que para isso acontecer se faz necessário traçar um perfil desse segmento, no que diz respeito as suas peculiaridades e dinâmica interna e ainda, além disso, entender as relações diversas como o comércio formal e a concordância direta existente entre esses setores como sua inclusão aos produtos e o público-alvo.

Ao analisar os comerciantes na Praça da Bandeira, vemos primeiramente um fator determinante para a entrada dessas pessoas no mercado informal, a inexistência de barreiras em quase todos os segmentos (já que talvez a única barreira seja a apropriação e organização do próprio espaço na praça, determinadas por eles). Essa inexistência se dá desde os recursos utilizados no dia-a-dia, segundo Carlos (2002): “[...] o espaço dominado, controlado, impõe não apenas modos de apropriação, mas comportamentos, gestos, modelos de construção que excluem/incluem” (p.179).

Somado a isso, vimos várias adaptações de forma artesanal ou até mesmo com o trabalho em pequena escala, numa atuação de cada um nesse mercado competitivo e não regulado. Esse fenômeno de auto-emprego se dá justamente pela dificuldade no ingresso no mercado formal. Percebe-se, nesse momento uma característica bem comum entre eles, os que saem do mercado formal utilizam de suas economias para a compra dos equipamentos para assim auferirem renda através de trabalho por conta própria.

Alguns comerciantes apresentam insegurança com relação ao trabalho e renda, embora atuem naquele espaço há muitos anos, eles como praticamente todos que trabalham nesse mercado não apresentam nenhum tipo de proteção social, especialmente quando se trata de demissões ou acidentes de trabalho (já que atuam nas duas ruas que rodeiam a praça e convivem diretamente com o circular de carros, motos e ônibus no local), e ainda em relação a menores salários, principalmente para os empregados.

Ainda assim percebe-se que os serviços oferecidos por esse comércio de rua concorrem diretamente com o comércio formal, por vários fatores, entre eles a acessibilidade nos preços dos lanches ou ainda certa proximidade nas relações com os clientes, esses trabalhadores, assim como a maioria pertencente ao mercado informal procuram produzir cada vez mais essas mercadorias exatamente iguais as do mercado formal, Santos (1978) afirma que: “[...] a atividade dos pobres também funciona de acordo com uma lógica e, portanto, é racional. (p. 54)”

Diante da constatação de que esse comércio ambulante se constitui a partir da absorção da mão de obra desempregada pela economia formal e a invasão do espaço público, estimula-se o debate sobre a questão da informalidade nas relações econômicas.

3 O USO DO ESPAÇO URBANO PÚBLICO E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Fluente os elementos sociais se fundem onde permanecem por um dado momento como “dominantes” no meio físico-social, por isso, vemos em cada instante às várias formas de representações sociais, nas quais, as mesmas, vão acrescentando ou extinguindo as velhas formas sociais antes vigentes, como o objetivo de absorver os novos elementos constituintes acerca aos diversos ordenados da vida em sociedade. Na perspectiva de Santos (1998) ao enfatizar que: “[...] o homem vai construindo novas maneiras de fazer as coisas, novos modelos de produção que reúnem sistema de objetos e sistemas sociais” (p.53).

Esses modelos e formas sociais resultam de forma direta quanto à atuação dos sujeitos que se ocupam e “modelam” um determinado espaço físico, assim, fica claro o resultado de que o homem constrói, reconstrói, altera e molda um espaço de acordo com suas necessidades ou com os seus interesses. Ainda, conforme Santos (2006): “[...] o espaço como um todo reúne todas essas formas locais de funcionalização e objetivação da totalidade” (p.86). Assim, pode-se perceber o caso dos trabalhadores que atuam no microespaço da Praça da Bandeira e transformando no dia-a-dia ao instalarem seus carros de lanches para o atendimento aos clientes. Por isso, é de suma importância a caracterização de um sistema, quanto às relações entre os elementos do espaço, em que decorrência disto observa-se um movimento constante onde se formalizam a todo o momento uma nova realidade, dessa maneira o espaço apresenta-se mais mutável e não estático se tornando válido o reconhecimento desses elementos.

Analisando essas proposições, podemos destacar um pensamento, como de Lefebvre (1980) onde ele que esclarece que o espaço contém e está contido nas relações sociais, logo as cidades são construídas e pensadas pelo homem, que é o maior agente transformador existente. Trata-se da análise e definição da cidade como sendo uma projeção da sociedade sobre um espaço, não apenas sobre o aspecto da vida social de cada lugar, mas também no plano de representação abstrata.

Portanto, a partir desse raciocínio o mesmo deduz que o espaço traduz um conjunto de diferenças, ou seja, um conjunto das mais variadas formas de vivência da existência urbana. Porém, destaca que o espaço também é o lugar dos conflitos, onde a exploração é submissa não apenas a classe operária como outras classes sociais. Seja

por isso, que observamos atualmente a maneira da sociedade que se caracteriza por uma durável busca de costumes direcionados para a produção e o consumo.

Os ambientes construídos dentro do pensamento capitalista seguem os padrões deste pensamento, são, portanto, espaços criados basicamente pela força de imagens que levam a uma idéia de consumo além do normal. Uma das características desse tipo de comércio em relação ao espaço como já foi falado anteriormente, é a questão da reorganização do mesmo, na medida em que esse comércio tenta atender os reclame das lojas, bares e restaurantes que atuam formalmente e o Estado por sua vez, não dispõe de mecanismos de combate a precarização do trabalho para solucionar o problema.

A construção desse espaço caracterizado por uma economia totalmente cruel começa a ser presenciada em outras localidades já que os mesmos processos acontecem em diferentes espaços, dentre eles os que intervêm diretamente na organização do trabalho e do espaço dos ambulantes. De acordo com Santos (1979):

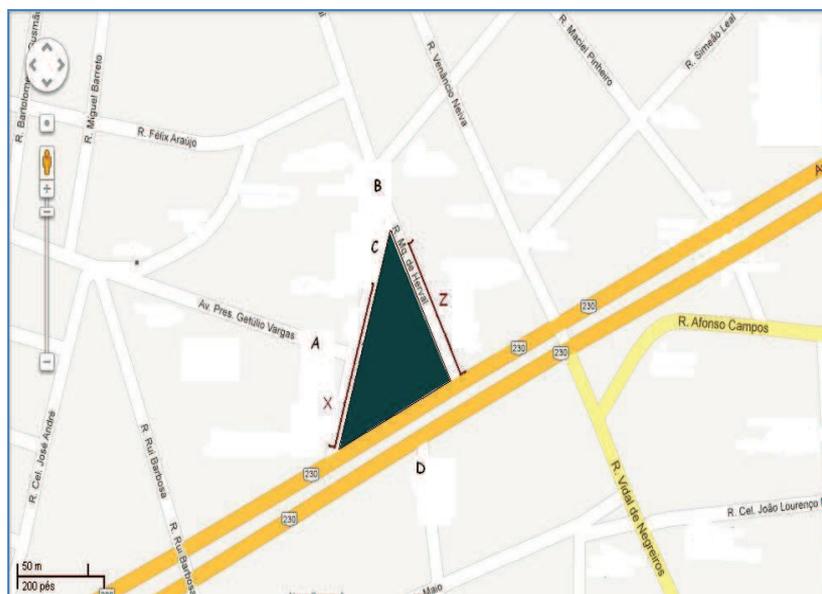
A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços. (p.29)

Uma das peculiaridades dessa atividade ao que Santos destaca a questão do trabalho, que para o circuito inferior o mesmo não dispõe de uma rentabilidade que possa satisfazer ao menos as necessidades básicas de consumo dos indivíduos, mais ainda assim, se torna uma fonte de vivencia para os habitantes mais pobres.

4 PRAÇA DA BANDEIRA: A DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO

Quando observamos a presença desses comerciantes em uma área central, como na Praça da Bandeira, um espaço importante da cidade para o lazer, percebe-se então nessa área a grande quantidade de atividades que são efetuadas por essas pessoas principalmente na área de serviços, já que um número considerável de indivíduos frequentam aquele local pelos mais variados motivos, sempre se apropriando daquele espaço e o modificando a cada instante, fazendo com que ele se transforme em um lugar com diferentes significados e apropriações.

Figura 01: Localização da Praça da Bandeira



LEGENDA:

- Ponto A: Rua Getúlio Vargas
- Ponto B: Rua Marquês do Herval
- Ponto C: Rua Praça da Bandeira
- Ponto D: Rua Floriano Peixoto
- Ponto X: Localização dos vendedores de lanches mais antigos
- Ponto Z: Localização dos vendedores de lanches mais novos

Fonte: <https://maps.google.com.br/>. Acessado e modificado em 02/11/12.

A referida figura destaca a área do microterritório urbano e público que corresponde a divisão dos comerciantes ambulantes na Praça da Bandeira em Campina Grande: o ponto A referente à Rua Getúlio Vargas é caracterizado também pela informalidade e pela atuação dos “flanelinhas”, responsáveis tanto pela lavagem quanto a vigilância dos veículos. O ponto B, referente a rua Marquês do Herval, é o que mais apresenta transformações causadas pelo processo de informalidade, são vários tipos de comércio existentes, tanto durante o dia quanto a noite. O ponto C, a Rua Praça da Bandeira, também é caracterizada pela informalidade, tendo como principais características no período vespertino a presença dos vendedores de lanches e também dos taxistas que ocupam aquele espaço. No ponto D, está localizada a Rua Floriano Peixoto, uma das mais movimentadas da cidade e que serve como ponto estratégico quanto ao acesso para a maioria das pessoas aos diversos locais do centro da cidade, entre eles, a Praça da Bandeira e aos vendedores ambulantes que ali se instalam.

Pode-se, então, perceber a atuação dos vendedores de lanches em dois pontos distintos ao entorno da praça, no ponto X existe um grupo de três a quatro veículos enfileirados, cada um num local determinado e definido entre eles. No Ponto C da praça se localizam os taxistas e os motoqueiros na mesma ordem. Diante das informações

obtidas nesse microterritório, e segundo eles foi onde se formou esse tipo de comércio e de que são os pioneiros na criação desses tipos de serviços.

Foi de grande importância no decorrer dessa investigação a descoberta de que no ponto X existe uma maior proximidade entre esses comerciantes e os clientes, além do serviço que oferecem, percebemos uma cordialidade, uma grande amizade existente entre as duas partes. Muitos fregueses são realmente “fiéis” aos locais de venda e frequentam aquele espaço não apenas para o consumo das iguarias ali presentes, mas também para uma conversa, um bate-papo descontraído e sem formalidades.

No ponto Z, diferentemente do ponto X, os vendedores se instalam do outro lado da praça, na Rua Marquês do Herval (Ponto B), os vendedores de lanches se acolhem no outro lado da rua e não ao lado da praça, mas possuem a mesma regra que a anterior, enfileirados e cada um com seu local já pré-estabelecido, com cerca de 4 a 6 veículos. Nesse ponto podemos enxergar que os trabalhadores que atuam nessa área geralmente são mais novos nesse mercado e inicialmente não encontraram espaço no outro lado da praça, mas atuam onde a proximidade com ela é quase que igualitária em relação ao ponto X. Além disso, no ponto Z, não foi perceptível uma maior proximidade existente entre os trabalhadores e os clientes, pelo fato de que no ponto Z circulam mais estudantes e transeuntes, fator decorrente do preço dos lanches serem mais baratos que no ponto X.

Assim, a partir dessas distintas formas do processo de ocupação da Praça, pode-se observar melhor a distribuição e a presença desses comerciantes em uma área central da cidade, um espaço público importante para o lazer. Percebe-se, então, nessa área a grande quantidade de atividades que são efetuadas por essas pessoas, principalmente na área de serviços, já que um número considerável de indivíduos frequentam aquele local pelos mais variados motivos e, acabam transformando a cada instante com diferentes significados e apropriações.

Segundo informações obtidas na praça, este comércio existe aproximadamente desde 1994 com a chegada do primeiro vendedor, com o passar do tempo essa atividade foi se desenvolvendo e novos comerciantes foram se apropriando do lugar, quanto a isso, podemos perceber uma grande concorrência entre eles, cada um com uma nova idéia, um novo modo de fazer o sanduíche, um novo ingrediente, um novo suco, em fim, uma grandeza de atrativos criados por eles para receber novos clientes. Quanto a isto, e sobre a questão de outros novos concorrentes nesse mercado, um dos mais

antigos nesse ramo, o senhor Paulo Dias (2012) declarou: “Aqui nessa cidade, muita gente copia os outros, quando vê alguma coisa diferente e que tá dando certo, vai logo fazer a mesma coisa e ainda no mesmo local, não respeita ninguém, mas é assim mesmo, tem que ter espaço pra todo mundo” (07/2012).

O negócio informal desenvolvido por esses vendedores produz uma renda em que eles mesmos tendem a desconfiar como nos falou o senhor Josias (2012): “A gente trabalha, mas não confia nisso aqui, não dá pra fazer uma conta grande e confiar porque tem semana que é boa, mas tem semana que é fraca” (07/2012). Fica claro que o mercado informal não traz nenhum tipo de segurança para aqueles que atuam nele e quando o seu “ganho” é um viés completamente indefinido em cada semana, em cada mês principalmente para os donos dos carros e detentores de todos os materiais desse comércio.

Atualmente todos trabalham apenas nesse ramo, a maioria dos donos dos carros já trabalharam em outras áreas: empresas, comércio formal, indústrias, em fim, em várias atividades formais e algumas informais. Existe também, certo vínculo empregatício com os outros trabalhadores que auxiliam os donos dos carros que são propícios para esse tipo de atividade, mas também em alguns casos existem outros com várias adaptações por não possuírem os mesmos aparatos que os outros, assim, dessa maneira ficam adaptados a este tipo de atividades. Com relação ao horário, começam há cerca das 18h00 horas, quanto ao término, eles não possuem uma hora certa para o fim das atividades. Os comerciantes esperam que seus produtos acabem para ir embora, mas geralmente entre 01:00 e 02:00 horas da manhã, geralmente encerram as atividades.

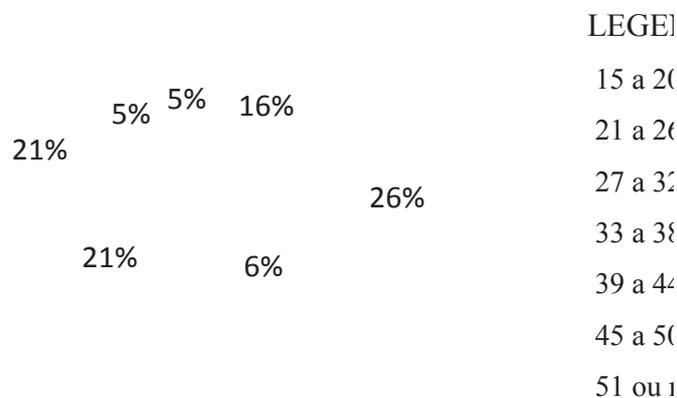
5 PERFIL SÓCIO-ECONOMICO DOS VENDEDORES DE LANCHES, QUE ATUAM NA PRAÇA DA BANDEIRA EM CAMPINA GRANDE - PB

Os gráficos a seguir apresentarão alguns dos mais importantes dados sobre a estrutura socioeconômica dos vendedores de lanches, auxiliando ainda mais o conhecimento sobre esses indivíduos e a sua forma de trabalho.

Gráfico 01: Origem dos trabalhadores

Fonte: PEREIRA, José Robert Jonhon Silva. Pesquisa de campo.

O gráfico denuncia a naturalidade dos trabalhadores que vendem lanches e que atuam na Praça da Bandeira, mostrando que 84% deles são de naturais de Campina Grande e 16% são de outras cidades. Diante dos dados apresentados, podemos perceber que esta cidade não oferece uma condição ampla de emprego gerados pelo mercado formal, já que parte dessas pessoas anseiam por ingressar nesse mercado ou sequer fazem parte de um cadastro reserva na indústria ou comércio, a única opção é ingressar na informalidade. Por outro lado, pode-se observar que outra parte desses trabalhadores que são naturais de outras cidades, como resultado de não encontrarem um trabalho na cidade onde moram, eles migram para outra cidade maior e ingressam a fileira dos trabalhadores informais. No entanto, a grande maioria desses trabalhadores são campinenses.

Gráfico 02: Faixa etária dos trabalhadores

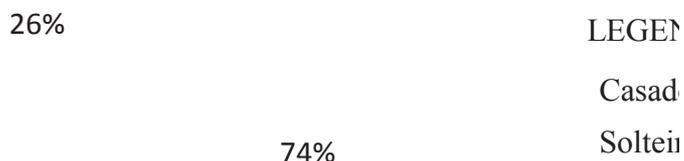
No gráfico 02, pode ser observado que 16% dos trabalhadores estão entre 15 e 20 anos de idade; outros 26% se encontram na faixa etária de 21 a 26 anos; outros 6%

situam-se entre 27 a 32 anos; já os que estão entre 33 e 38 anos representam 21%; ainda 21% de 39 a 44 anos; 5% de 40 a 45 anos 5 % de trabalhadores com 51 anos ou mais.

A análise do gráfico mostra que praticamente metade desses trabalhadores são jovens ou relativamente jovens, 48% deles estão entre 15 e 32 anos de idade, o que nos leva a evidenciar de que os trabalhadores mais jovens, continuam sem oportunidades e sem expectativas de ingressar no mercado formal. A maior característica para a falta de oportunidade é a pouca escolaridade em decorrência da falta de tempo, ou até mesmo um certo desinteresse em ter que conciliar o trabalho “forçado” para o sustento da família com os estudos, assim, continuam sem perspectivas em relação ao futuro profissional.

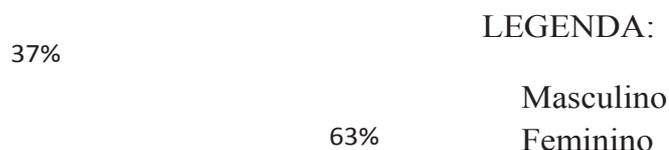
De acordo com a amostragem dos dados, constata-se que 52% estão acima dos 33 anos de idade, formando uma maioria no total de trabalhadores ali presentes. Esses dados nos revelam outra realidade presente no espaço estudado, a de que a idade “avançada” é também um fator determinante para estarem fora do mercado formal altamente discriminatório.

Gráfico 03: Estado civil dos trabalhadores



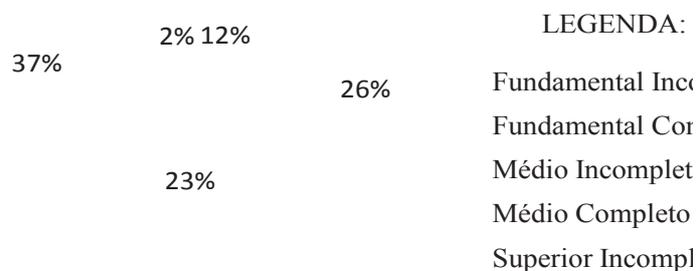
Fonte: PEREIRA José Robert Ionshan Silva Pesquisa de campo 2017

Verifica-se no gráfico 03 que 74% dos trabalhadores atuantes na Praça da Bandeira são casados, o que implica dizer que a grande maioria sustentam suas famílias com a renda oriunda dessa atividade. E mesmo assim, foi comprovado que quase a totalidade dos 26% dos que se encontram solteiros, são responsáveis pelo sustento da família.

Gráfico 04: Gênero dos trabalhadores

Fonte: PEREIRA, José Robert Jonshon Silva. Pesquisa de campo, 2012

No gráfico 04, verifica-se que existe uma predominância do sexo masculino nessa atividade com 63% dos trabalhadores ali presentes. Desde o começo dessa atividade na década de 90, os homens sempre foram maioria nesse ramo, no entanto o que foi verificado foi o crescimento do espaço feminino, em que ainda em sua maioria são subordinadas aos homens (que são os donos dos carros), mas com um crescimento considerável representando 37% do total de trabalhadores existentes.

Gráfico 05: Nível de escolaridade

Fonte: PEREIRA, José Robert Jonshon Silva. Pesquisa de campo, 2012

Contrariando o que se pensava antes da presente pesquisa, observa-se que existe uma considerável parcela dos trabalhadores que possuem um período de escolaridade significativo, o que representa 62% dos trabalhadores que ficam entre o nível médio e o superior. É importante notar que esses trabalhadores possuem um certo nível de escolaridade, vemos que apenas 12% possuem apenas o fundamental incompleto em que por sua vez em parte dos casos, são ajudados por parentes da família. Através do estudo percebe-se que grande parte desses trabalhadores que

possuem um nível de escolaridade razoável, há um tempo considerável não participam do mercado formal, este cada vez mais excludente, não poupa sequer os mais instruídos.

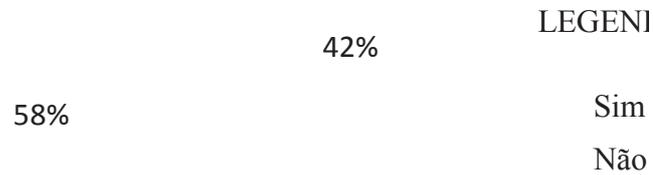
Apenas 2% deles estão cursando ou pararam no atual momento o nível superior, e mesmo tendo um certo grau de estudo elevado não estão conseguindo sair do mercado informal. Conclui-se que 12% desses indivíduos possuem nível fundamental incompleto, outros 26% concluíram o nível fundamental, já outros 23% possuem o ensino médio incompleto, enquanto 37% concluíram o ensino médio e apenas 2% possuem o terceiro grau incompleto.

Gráfico 06: Atividades desenvolvidas pelos comerciantes antes de trabalharem na Praça da Bandeira



No referido gráfico, sabe-se que uma grande parcela de trabalhadores ali presentes já trabalharam no setor formal, ou seja, já buscaram uma carreira ascendente nesse mercado, tanto do ponto de vista financeiro como social. Observamos que outros 26% nunca trabalharam no mercado formal, por uma série de fatores de ordem pessoal, como defasagem ou atraso intelectual ou simplesmente por falta de vagas no setor formal. Outros 16% nunca trabalharam em nenhum dos dois setores, sendo essa atividade a primeira oportunidade de trabalho.

Gráfico 07: Os trabalhadores respondem se pretendem ou não trabalhar no setor formal e ganhar um salário fixo



Fazendo uma leitura desse gráfico, verifica-se uma divisão no que diz respeito ao voltar ao setor formal ou não. Os 42% desses trabalhadores preferem a segurança de uma carteira de trabalho assinada e com a tão sonhada aposentadoria, coisa que o setor informal não proporciona. Enquanto que a maioria, 58% dos trabalhadores presentes pretendem continuar no setor informal, ainda que não tenham nenhum tipo sequer de segurança. Essa informalidade proporciona uma certa liberdade, e muitas vezes um lucro maior do que o salário mínimo no final do mês.

Gráfico 08: Número de horas trabalhadas pelos vendedores de lanches na Praça da Bandeira



Levando em consideração que esses autônomos têm a liberdade da administração do seu tempo em sua jornada de trabalho, no entanto, vemos que não abrem ou fecham seu comércio a hora que querem, pelo contrário, 60% dos trabalhadores atuam de 7 a 8 horas, 19% de 9 a 10 horas e 21% trabalham de 5 a 6 horas. Isso prova que eles pretendem aproveitar ao máximo o tempo disponível, já que a noite e madrugada são os únicos horários disponíveis para esse tipo de comércio naquele espaço. Por isso eles não podem se dar ao luxo de trabalharem de acordo com o horário do mercado formal de trabalho (6 a 8 horas por dia) mesmo porque é a clientela que faz a hora, desde quando saem de seus postos de trabalho formal para lanchar ou até no fim da noite quando os

estudantes voltam das aulas e passam por aquele local ou simplesmente os transeuntes e clientes que frequentam aquele espaço durante a noite e madrugada.

6 CONCLUSÃO

A partir das análises apresentadas, pode-se entender uma variedade de significados existentes dos comerciantes da Praça da Bandeira em Campina Grande na Paraíba, nos quais ao longo dessa pesquisa e sobre um olhar geográfico ajuda no entendimento com relação aos aspectos socioeconômicos que os cercam e que oferecem para a sociedade. Em um primeiro momento percebe-se que essas pessoas utilizam esse espaço público como o seu ambiente de trabalho, ao venderem os lanches e ainda apresentam outras práticas que se misturam a vários tipos de atividades junto as suas habilidades de negociantes, quanto a prestação de serviços existentes.

Vemos a Praça da Bandeira, não apenas por ela, mas, pelo seu dia-a-dia, pelas suas atividades e grupos sociais, e também pelo que ela admite e assume as várias formas de oportunidades de trabalho existentes, em um espaço que é de serventia de todos. Diante desta investigação, percebemos que os vendedores de lanches da Praça da Bandeira se inserem na classe de trabalhadores que atuam na esfera social da cidade de Campina Grande, PB.

O modelo de ocupação no espaço por esses trabalhadores informais na praça nos faz perceber a dificuldade dos órgãos públicos em agir quanto à repressão desses trabalhadores de rua, vimos que tanto a estrutura espacial como estrutural são distintas, cada um trabalha da sua forma sem ter nessa relação uma situação de parceria em que melhoraria as condições dos trabalhadores e daria um controle melhor da Prefeitura Municipal sobre o espaço e sobre os indivíduos que ali atuam.

O espaço onde esses trabalhadores se concentram (Rua Praça da Bandeira e Rua Marquês do Herval, ao redor da Praça da Bandeira) são duas das ruas de maior concentração de trabalhadores e um maior fluxo de pedestres, ou seja, eixos onde seus maiores pólos são a grande quantidade de estações de ônibus com pontos finais de linhas centro-bairro e eixos comerciais especializados, consolidados e com grande importância metropolitana. Estão também juntos aos “pólos geradores de tráfego e

comércio”, como os próprios terminais de transporte coletivo, instituições de importância municipal e regional (universidades, secretarias, etc.).

Podemos comprovar que, de fato, existe um grande impacto que essa atividade exerce sobre esse espaço, onde esses comerciantes exercem uma ocupação e um domínio tão intenso que transformam a Praça da Bandeira, esse espaço de domínio público em um estabelecimento temporal, em um intercâmbio onde se revela a verdadeira dinâmica urbana: a concretização do público e do privado agrupados num só espaço.

Desde o começo dessa atividade em meados de 1994, a mesma apresentou um poder de mudança intensa na Praça, esse trabalho não só dinamizou a economia noturna no centro, como também pelo fluxo de pessoas presentes, essa atividade serviu como “ímã” para o surgimento de outras atividades existentes nesse espaço, como: vendas de cd’s, dvd’s, churrasquinhos, doces, etc. Concluímos que esses “pontos” de vendas de lanches são ocupações provisórias, que se caracterizam por serem ocupados pelas camadas menos favorecidas da população que se apropriam destes espaços de maneira singular para prestar algum serviço e/ou vender algum produto.

Analisando a realidade de Campina Grande com relação aos seus atributos físico-espaciais, observa-se que estas apropriações se dão em espaços públicos. A condição desse comércio, além de ser um recurso para driblar o desemprego, a falta de oportunidade e a vigilâncias dos comerciantes estabelecidos, apóia-se em um saber baseado na experiência que enxerga potencial em atividades a serem desenvolvidas estrategicamente na cidade. Os ambulantes revelam na sua apropriação a carência em que vivem, utilizando-se dos materiais, o mais simples possível, numa criatividade que explicita sua imensa necessidade. E assim que se apropriam do espaço público, uma apropriação que a estética urbana formal tenta excluir, esquecida que é a própria dinâmica urbana contemporânea de quem a produz.

Abstract

The increase in activities related to the informal economy are not presented as an interim in Brazilian society, but as proven fact especially in large cities. This economic model is growing and expanding so that comes to represent a considerable share of the economically active population in the world. This work aims to study the itinerant trade, the Flag Square in Campina Grande - PB. The survey, now developed investigative and exploratory in nature, carried out the collection of materials, through contact with the workers of this type of trade, who responded to a questionnaire, which was necessary to establish a cut within this diverse and controversial development on the outskirts of

square and vicinity. This collection made the analysis that showed the process of changing the Flag Square which helped the answers to the research questions through certain objectives: Explain the phenomena related to changes to informal workers of Flag Square in Campina Grande, highlight the value partner this cultural trajectory that market these informal workers, analyze the socioeconomic and cultural nature of informal workers (street vendors) of the square and investigate empirical and historical materials related to this urban space that itinerant trade.

Keywords: Informal economy, urban space, Flag Square.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CACCIAMALI, Maria Cristina. **Globalização e processo de informalidade**. Campinas: Economia e Sociedade, 2000.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. (VOL II e III). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CARLOS, Ana F. A. O consumo do espaço. **In: CARLOS, Ana F. A (org). Novos caminhos da geografia**. São Paulo: CONTEXTO, 2002, p. 173-186.

CORREA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 2º Ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ed. Ática, 1980.

MELO H. ROCHA, F. FERRAZ, G. DI SABBATO, A., DWECK, R. **O setor de serviços no Brasil: uma visão global - 1985/1995**. A economia brasileira em perspectiva, 1998, Rio de Janeiro: IPEA, v. 2, 1998.

MELO H.P DE. **Os serviços e a economia informal urbana-notas preliminares**. Rio de Janeiro, 1999, mimeo.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. - 4. ed. reimpresso - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).

_____, Milton. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**; tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. Hucitec. São Paulo, 1988.

_____, Milton. **Pobreza Urbana**. Hucitec, São Paulo, 1978.

POCHMANN, Márcio. **O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 1999.